

A ética, sem voz

Colocam-me no centro. Está tudo em pé de igualdade. Não há vencedores nem vencidos. Sou imparcial e apenas quero contribuir para o espetáculo. Não tenho lados, deixo-me levar por quem tem mais habilidade, sem truques, nem interferências do exterior. Apenas quero rolar, ser um instrumento para a obtenção de um resultado justo. Corro durante o tempo todo, cansada, mas feliz... Às vezes voo e sou agarrada, outras sou aprisionada pelas redes... e volto ao centro. Sou acarinhada por todos, até que alguém viola as regras. E assim começa o “jogo”.

Ouçó palavras desagradáveis, talvez até nem dirigidas a mim, mas magoa-me esta frieza e falta de cooperação que me rodeia. Nem o homem de preto, mediador, juiz, consegue cumprir o seu papel e fazer com que eu seja completamente redonda. Mesmo aqueles que não me viram durante todo o tempo julgam-me, por partes, repetem vezes sem conta momentos decisivos, põem-me em câmara lenta, medem ao milímetro a minha posição no campo, esquecendo-se de que nunca estou imóvel.

Assim, apercebo-me que sou preta para uns, branca para outros, pintam-me de todas as cores, tiram-me a essência e fazem de mim aquilo que não sou... mascaram-me ao sabor das vaidades e desejos estranhos àquilo para que fui criada. E eu continuo a rebolar, ainda com esperança, a lutar por um desfecho merecido, justo, em que eu seja a heroína. Mas, quando a competição acaba, sou criticada por todos. Aos olhos de alguns deixei-me roubar, aos olhos de outros deixei-me comprar... Os jornais e as televisões revestem-se de opiniões, todos avaliam a minha prestação. Muitas vezes, sou acusada e questionam a minha integridade.

Devia ser diferente: os que assistem, a apreciar-me independentemente do resultado, os que jogam, a fazê-lo pelo prazer e os que mandam, a deixar ganhar quem merece. Mas no final de contas, eu não tenho voz. Sou apenas uma peça do xadrez, um mero peão rodeado de reis e rainhas altivos nas suas torres.

Esquecem-se que sou redonda e apenas quero rolar, livremente, empurrada pelos campos e aplaudida pelos adeptos, sem exceção.

Sou uma bola... e gostava de me chamar ética.